

# LEGADOS DA COPA

UMA DISCUSSÃO SOBRE OS  
PRÓS E CONTRAS DO EVENTO



Konrad  
Adenauer  
Stiftung

[www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)

 KAS.Brasil

#copakas



Konrad  
Adenauer  
Stiftung

## LEGADOS DA COPA

Uma discussão sobre os  
prós e contras do evento

Finalmente, o futebol está voltando para casa, ao menos era esta a impressão diante da comemoração geral em 2007, quando foi anunciado que a Copa seria realizada no Brasil. Nenhuma outra seleção nacional conquistou tantos títulos como a brasileira e o Brasil é o único país do mundo que participou de todas as Copas. Após o anúncio também houve muita aprovação do exterior, onde a decisão foi recebida positivamente e, por vezes, até considerada justa, pois finalmente a Copa voltou a ser concedida a um país latino-americano e, além disso, os países emergentes também estariam recebendo uma chance. Apesar de alguns duvidarem da capacidade do Brasil de realizar um evento deste porte, o otimismo ainda prevalecia até pouco tempo atrás. O Brasil, sobretudo a cidade do Rio de Janeiro, possuem anos de experiência na organização de megaeventos. Só no réveillon, Copacabana recebe mais de dois milhões de pessoas cada ano e nos últimos anos houve diversos grandes eventos na cidade. Tanto a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20 em 2012, como a Jornada Mundial da Juventude (JM) no ano passado continuam sendo considerados um sucesso. Esta avaliação não deixa de surpreender, pois houve vários problemas durante este último evento. Entre outros, contratemplos, a missa de encerramento teve de ser transferida para outro bairro por causa de chuvas fortes e alagamentos poucos dias antes, de modo que cerca de três de milhões de peregrinos, todo o sistema de palco e som bem como centenas de banheiros químicos tiveram de acompanhar a mudança. Mesmo assim, em torno de 90 % dos visitantes afirmaram que apesar de tudo realmente gostariam de voltar ao Brasil. Este nível de satisfação diz tudo e o talento de improvisação do povo brasileiro é de fato ímpar no mundo.

Se este talento também será suficiente na Copa deixou de depender apenas das capacidades gerenciais do país ou da cidade. Em junho do ano passado, a população começou pela primeira vez, depois de quase vinte anos, a reivindicar de novo mudanças maiores. E não foi por acaso que a onda de protestos com milhões de pessoas nas ruas de todo o país aconteceu na véspera da Copa das Confederações. O contraste entre os estádios, que consumiram bilhões e mais lembram os padrões de países industrializados, e a situação precária de hospitais e escolas, foi como um estopim para a insatisfação dos cidadãos. Nunca tinha ficado tão óbvio, que na verdade não faltam verbas para as melhorias acontecerem, mas sim políticos capazes e com vontade política de mudar algo.

Naquelas semanas, a polícia de repente não estava mais em confronto com criminosos fortemente armados, e sim diante da própria população. Pode-se dizer que foi um primeiro contato, no qual tanto a polícia como o governo oscilaram entre torpor perplexo e enfrentamento atabalhoado. Em retrospectiva, as manifestações de 2013 talvez até foram uma espécie de ensaio geral para as lideranças do país no sentido de testar se sabem lidar com cidadãos revoltados, assim como a Copa das Confederações foi o teste de fogo no âmbito do esporte.

A Copa do Mundo com certeza será um grande sucesso midiático, pois há muito a relatar. Os novos meios de comunicação também desempenharão um papel enorme. Desde a última Copa, as redes sociais como facebook, twitter não apenas cresceram, mas permitem uma participação diversificada no discurso público de pessoas fora da mídia oficial. Por isso, espere-se no twitter um recorde de mensagens, os assim chamados tweets, durante a final no Maracanã. Uma descentralização da cobertura não impacta apenas a formação da opinião. As novas mídias contribuem para que o discurso e os movimentos da sociedade civil possam assumir uma dinâmica própria. Neste sentido, esta Copa revelará novas experiências no que diz respeito ao uso e às consequências do mundo virtual sobre um mega evento como a Copa do Mundo e no melhor cenário darão uma contribuição ao entendimento dos povos.

Contudo, uma coisa é certa, desde já podemos constatar que o Brasil está passando por um amplo processo de autorreflexão, o qual muito provavelmente não teria acontecido desta forma sem a realização da Copa do Mundo e as variadas dificuldades que vierem na sua esteira. Não importa se, no final das contas, a atribuição da Copa ao Brasil foi acertada ou não. Agora cabe ao país, e em especial ao Rio de Janeiro, usar as experiências para os Jogos Olímpicos em 2016 e para o futuro do país e realmente aproveitar o enorme potencial do país.

Desde então estão sendo travadas discussões acaloradas sobre as numerosas facetas dos pros e contras da realização da Copa do Mundo. Nas matérias a seguir, o leitor encontrará algumas destas opiniões, tratam-se de visões bem variadas sobre a temática. Muitos autores com diferentes perfis e experiências discutiram estas questões nos últimos anos em eventos organizados pela Fundação Konrad Adenauer. Tanto nestas ocasiões como na presente publicação, o objetivo foi um intercâmbio sobre perspectivas diferentes.

**A publicação pretende ser um ponto de partida e convida todos a dar continuidade à discussão via facebook e twitter. Assim, temas que eventualmente não foram tratados na publicação podem ser acrescentados, as opiniões dos autores podem ser comentadas e complementadas.**

Desejamos a todos uma leitura interessante desta síntese da perspectiva brasileira da copa de 2014.

Felix Dane e Kathrin Zeller



KAS.Brasil

[www.kas.de/brasilien](http://www.kas.de/brasilien)

#copakas



**Bruno Kazuhiro**

RJ Juventude Democratas  
do Rio de Janeiro



**O MARACANAZZO  
ADMINISTRATIVO**

**4**

**Caetano Scannavino**

PA Projeto Saúde e Alegria



**O GOL É UM DETALHE!**

**5**

**Fernando Carlos de Sá Freire**

RJ Coordenação de Eventos  
Sub Prefeitura Barra da Tijuca



**A COPA DO MUNDO DEIXARÁ  
UM LEGADO EFECTIVO**

**6**

**Gustavo Macedo Diniz**

RJ Instituto Igarapé



**MEGA EVENTOS: OUTRA  
OPORTUNIDADE PERDIDA PARA A  
SEGURANÇA PÚBLICA NO BRASIL**

**7**

**Humberto Dantas**

SP Escola de Sociologia e Política



**LEGADO POLÍTICO  
DA COPA**

**8**

**Jan Tonio Schreiber Kruger**

RJ [www.caoscarioca.com.br](http://www.caoscarioca.com.br)



**UMA LIÇÃO CARA,  
MAS NECESSÁRIA.**

**9**

**João Ricardo Rodrigues Viégas**

RJ Ministério Público do Estado  
do Rio de Janeiro (MPRJ)



**E O MEIO AMBIENTE?**

**10**

**Kátia Schweickhardt**

AM Secretaria Municipal de  
Meio Ambiente de Manaus



**HÁ VIDA APÓS A COPA!**

**11**

12

CRESCIMENTO PELO  
INTERCÂMBIO CULTURAL



Marcos Abreu Torres

Confederação Nacional  
da Indústria - CNI DF

13

A COPA COMO CHANCE PARA  
A SUSTENTABILIDADE



Mario Monzoni

GVces (Centro de Estudos em  
Sustentabilidade da FGV-EAESP) SP

14

UMA OPORTUNIDADE  
PERDIDA



Michel Castellar

Diário LANCE! RJ

15

LEGADO DA COPA E A  
CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Nelson Moreira Franco

Secretaria Municipal de Meio  
Ambiente do Rio de Janeiro RJ

16

DESESPERANÇA



Nilton Wilson Salomão

Assembleia Legislativa do  
Estado do Rio de Janeiro RJ

17

O FUTEBOL BRASILEIRO  
SAI VENCENDO



Pedro Trengrouse

Fundação Getúlio Vargas - FGV RJ

18

E DEPOIS, OS JOGOS  
OLÍMPICOS...



Thereza Lobo

Rio Como Vamos RJ

19

TEMPOS DIFÍCEIS



Vinicius M. Netto

Universidade Federal Fluminense RJ

20

TRISTEZA



Vítor Wilher

[www.vitorwilher.com](http://www.vitorwilher.com) RJ



## O MARACANAZZO ADMINISTRATIVO

INSTITUIÇÃO  
Juventude Democratas do Rio de Janeiro  
CARGO  
Presidente

RJ  
Rio de Janeiro

Desde a triste e histórica derrota para o Uruguai, em pleno Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil aguarda uma nova chance de ser campeão mundial de futebol em seu território. Após a decepção do Maracanazzo, os brasileiros viriam a ser campeões da maior competição esportiva do planeta por 5 vezes, mas nunca dentro de casa.

Pela pujança do futebol brasileiro, pela vontade do país de realizar a Copa e curar o trauma de 1950 e pela diretriz da FIFA que previa uma sede sul-americana em 2014, ficou decidido que o Brasil receberia o torneio novamente.



**No início, foram só boas notícias. A Copa seria um sucesso tanto esportivo como socioeconômico, deixando legados de infraestrutura, promovendo a imagem do país no exterior, trazendo turistas e lucros, fortalecendo nosso futebol e, destaque-se, realizando tudo isso com investimento majoritariamente privado.**

Não foi o que se viu nos anos seguintes. As obras de infraestrutura estão atrasadas e muitas não ficarão prontas a tempo, os estrangeiros estão assustados com as informações que recebem sobre problemas e insegurança, a previsão de ocupação hoteleira está aquém do esperado, o futebol brasileiro segue mal estruturado, as oportunidades para os jovens são reduzidas e as diferentes esferas do poder público gastaram bilhões e mais bilhões em estádios, estruturas provisórias e exigências da FIFA.

Atualmente, fica a torcida para que o legado venha antes tarde do que nunca e que, pelo menos em campo, o Brasil saia vencedor. O Maracanazzo do planejamento, da organização e do zelo pela coisa pública já está consolidado, visto que apenas 18% das melhorias prometidas estavam prontas a apenas 100 dias do início da Copa, sendo risíveis 7% na área de mobilidade urbana.

As exatas repercussões político-sociais, que ficarão para o futuro, só serão conhecidas quando o juiz apitar o fim do jogo das eleições de 2014, mas a bola já está rolando desde as manifestações de junho de 2013.

# Caetano Scannavino

5

## O GOL É UM DETALHE!

Pará

 INSTITUIÇÃO  
**Projeto Saúde e Alegria**  
 CARGO  
**Coordenador**


**Em 2007, uma grande festa definiu o Brasil como sede da Copa. Entre o que se projetou na época e o que, quanto e como aconteceu, a diferença é grande.**

Hoje, quase metade dos brasileiros é contra o evento, como aponta o Vox Populi (abril). A insatisfação é visível nas redes sociais e frequentes manifestações de rua. Isto não quer dizer que diminuiu nossa paixão pelo futebol. O fato é que o país vem mudando, com acelerado crescimento da classe média na última década - 54% da população, em pesquisa recente do Data Popular - uma massa mais exigente de seus direitos, e menos tolerante com a corrupção.

Antes desse boom de inclusão social, o velho brasileiro, da massa faminta, era passivo, se limitava a agradecer qualquer ajuda, confundia direitos como favor. Em Copas do Mundo, a discussão maior era a lista de jogadores convocados.

Já o novo brasileiro consome, reivindica, quer participar das decisões. A inclusão avançou, mas a estrutura de atendimento não acompanhou. Foram às ruas porque passaram a pagar impostos num país caro, retornados na forma de serviços públicos colapsados. E ainda não podem bancar saúde e educação privadas, aliás, essenciais só em país pobre.

A Copa acabou virando um dos ícones dessa insatisfação, mas as cobranças de agora não são por jogadores, e sim por mais escolas, hospitais, transportes, e outros investimentos entendidos como muito mais prioritários do que estádios de futebol.

O que aguça ainda mais a mobilização social é que em ano de Copa tem também eleições, polarizadas na história recente entre PT e PSDB. Só que o primeiro ainda não ampliou/atualizou a contento o seu discurso para além da base da pirâmide, enquanto que o segundo continua com sua fala afinada para o topo dela. A nova classe média não quer mais ser tratada como "D" (jamais), nem como "A/B" (ainda). Carente de respostas que atendam para ontem os seus anseios, é nas ruas que tem passado o recado.

Novos tempos e ciclos exigem novas posturas e políticas, lição de casa básica para os que querem virar ou continuar governo nesse ano eleitoral. Mais sabedores das coisas, essa massa de brasileiros não suportará uma campanha de discursos vazios. Exigirá sim transparência e propostas claras que aprofundem a ascensão social, combatam a corrupção, tirem da lama os serviços públicos, e fortaleçam os mecanismos de participação e democracia direta. Ou isso ou rua.

E no meio de tudo, a Copa 2014Se o nosso ex-técnico Parreira foi alvo de debates esportivos anos atrás quando proferiu a célebre frase "o gol é um detalhe", no contexto atual parece que faz todo sentido.



## A COPA DO MUNDO DEIXARÁ UM LEGADO EFECTIVO

INSTITUIÇÃO  
Sub-Prefeitura Barra da Tijuca  
CARGO  
Coordenação de Eventos

RJ  
Rio de Janeiro

Ao abordarmos o tema Copa do Mundo em nosso país é importante mencionar o trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Cidade do Rio de Janeiro a partir do ano de 2001. A Construção das Vilas Olímpicas, a política de massificação do Esporte, a inclusão social de menores em situação de risco e de pessoas com deficiência através da prática de atividades esportivas bem como Realização de mais de 60 eventos internacionais, nos possibilitaram sonhar com a vitoriosa candidatura dos Jogos Panamericanos e Parapan Americanos de 2007 no Rio de Janeiro. O candidatura foi viabilizada juntamente com o Comitê Olímpico Brasileiro.



**O sucesso e a projeção internacional trazidas pela excelência com que os Jogos Panamericanos foram realizados, deram o suporte necessário à CBF e ao COB, que nos credenciaram para a disputa relativa à realização da Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil.**

As garantias financeiras oferecidas pelo governo brasileiro também foram decisivas para que o Brasil fosse o país escolhido.

Sem adentrar o mérito das diferenciadas visões sobre os gastos públicos efetuados com a realização da Copa do Mundo no Brasil, certamente legados efetivos serão deixados em diversos âmbitos. O poder do fascínio exercido pelo futebol nos é demonstrado pela audiência televisiva em nível mundial alcançada na Copa da Alemanha em 2006 (cerca de 26 bilhões de Telespectadores) que superou em cerca de quatro vezes a audiência das Olimpíadas de Atenas 2004.

A realização da Copa do Mundo de 2014 impactará positivamente a nossa economia, haja vista que os fenômenos que adiante se alinham, por certo ocorrerão: incentivo ao surgimento de novos praticantes da modalidade, o aumento do Ticket médio de frequência nos estádios, maior movimentação financeira nas vendas de materiais esportivos, aumento da frequência de turistas estrangeiros em nosso país, aumento das negociações dos passes de jogadores, além das melhorias infraestruturais nas doze cidades onde os jogos serão realizados e, por fim, a consequente melhoria da imagem do Brasil no exterior.

Estes fenômenos ocorreram em Países como Espanha e Alemanha.

Ademais, a comoção e o patriotismo aflorados pela realização de uma Copa do Mundo no Brasil, conhecido mundialmente como país do Futebol, servirá de motivação para que os legados oriundos da realização deste Mega Evento em nosso país possam se perpetuar.



## Gustavo Macedo Diniz

### MEGA EVENTOS: OUTRA OPORTUNIDADE PERDIDA PARA A SEGURANÇA PÚBLICA NO BRASIL

**RJ**

Rio de Janeiro

INSTITUIÇÃO  
Instituto IgarapéCARGO  
Pesquisador Associado

7

A violência policial contra os participantes das manifestações iniciadas em junho de 2013 sensibilizou boa parte da população brasileira, servindo para impulsionar os protestos subsequentes que tomariam as ruas de quase 500 cidades.

Apesar desse sentimento inicial de condenação da ação repressiva do Estado, com a persistência dos protestos e a espiral de violência intensificada pela consolidação de grupos adeptos da tática black bloc, logo a violência policial contra manifestantes voltaria a ser legitimada pelo governo, grande mídia e setores importantes da sociedade.

Por seus custos humanos, sociais e econômicos, os níveis epidêmicos de criminalidade e violência que assolam o Brasil – nos quais se inclui a violência policial – deveriam estar no topo das prioridades dos atores públicos e privados. Embora a insegurança seja apontada como uma das principais preocupações dos brasileiros, a agenda nacional de segurança pública encontra-se esquecida, descolada do projeto mais amplo de desenvolvimento do país.



**Enquanto os diferentes níveis de governo (com raras exceções) investem pouco e mal os recursos disponíveis na área, parcela considerável da opinião pública autoriza o tratamento repressivo e ineficaz da insegurança. Os preparativos para a Copa do Mundo e as Olimpíadas não fogem à regra.**

A incapacidade de se estabelecer prioridades e alocar recursos de acordo com a realidade das causas e efeitos da insegurança no país traduz-se na intenção do governo federal em gastar R\$ 2,3 bilhões com baterias antiaéreas russas para proteger o espaço aéreo em 2016. Já o governo do Rio de Janeiro sozinho, face à persistência dos protestos de rua (muitos contra a ação mesmo de preparação para os eventos esportivos), gastou quase mais de R\$ 5 milhões para aparelhar suas tropas de choque, numa clara intenção de perpetuar a repressão contra manifestantes.

Os mega eventos esportivos eram mais uma grande oportunidade para se mudar o discurso e as práticas dominantes da segurança pública no Brasil, que já há algum tempo não conseguem evitar que quase 50 mil brasileiros percam a vida assassinados todo ano. À exceção de alguma discussão sobre a PEC 51 (reforma da segurança pública), mesmo os protestos de rua pareceram não catalisar a opinião pública e os governos em torno dessa agenda.

As causas da insegurança no Brasil são diversas e complexas, não sendo tarefa fácil estabelecer respostas prioritárias e colocá-las em prática. Contudo, é hora de refletirmos mais sobre esse tema urgente, indo muito além de um “Queremos segurança pública padrão FIFA!”.



## LEGADO POLÍTICO DA COPA

INSTITUIÇÃO  
Escola de Sociologia e PolíticaCARGO  
Coordenador do curso de pós-graduação  
em Ciência Política

SP

São Paulo

O Brasil foi definido como sede da Copa do Mundo em 2007. Esses sete anos representam um recorde de tempo até o momento. Considerando que a candidatura foi única, pois outras nações desistiram de apresentar projetos, já havia fortes indícios desse resultado no final de 2006. O país também registrou recorde na quantidade de cidades-sede: 12 no total. Ademais, o Governo Federal lançou o PAC 2 em 2010, e incluiu capítulo especial no seu programa de planejamento garantindo obras de infraestrutura para os locais dos jogos. Diante de tais aspectos, eram esperados: um evento capaz de contribuir com os altos índices de aprovação do governo e significativos avanços estruturais. Não foi isso que aconteceu.



**O uso político associado à realização da Copa do Mundo é evidente, mas caminha em múltiplos sentidos. Assim, a revolução estrutural nas cidades que receberiam os jogos não ocorreu no prazo previsto e parte do conjunto de benesses originalmente prometido foi retirada das metas.**

No que diz respeito às cidades, o número exagerado de sedes guarda relação com cálculos políticos, parecendo impossível concentrar os jogos num conjunto menor de locais. Por fim, em relação à construção dos estádios, primeiramente afirmou-se que não haveria emprego de dinheiro público nas arenas, o que findou se afastando da realidade. Segundo, algumas cidades-sede ergueram verdadeiros elefantes brancos, sendo possível questionar se tais obras serão úteis onde não existe futebol de alto nível – Mato Grosso, Amazonas, Rio Grande do Norte e Ceará por exemplo. Além disso, boa parte do conjunto de estádios foi envolvido em escândalos de superfaturamento, com destaque para o Distrito Federal e o Rio de Janeiro, que já havia investido mais de R\$ 300 milhões em 2007 na reforma do Maracanã para os jogos Panamericanos com a promessa de deixar o palco pronto para a Copa, e injetou mais de R\$ 1 bilhão em novo projeto. Por fim, a construção do estádio do Corinthians parece ter envolvido preferências pessoais do presidente Lula, fanático torcedor da equipe.

Diante de tais aspectos a Copa se tornou uma grande incógnita. Parcelas da sociedade foram às ruas questionando o evento, sobretudo durante a Copa das Confederações em 2013. O governo se perdeu em prazos adiados e declarações polêmicas, como a do ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, que comparou os atrasos das obras às noivas. A FIFA criticou o país e foi questionada por seus cidadãos. A questão, assim, passa a ser o que efetivamente podemos esperar em termos políticos desse evento, uma vez que a lógica quase consensual criada em 2007 se perdeu.

# Jan Tonio Schreiber Kruger

9

**UMA LIÇÃO CARA,  
MAS NECESSÁRIA.**



**RJ**

Rio de Janeiro

INSTITUIÇÃO  
[www.caoscarioca.com.br](http://www.caoscarioca.com.br)

CARGO  
**Blogeiro**

Nada é de graça. A frase não é original, mas se aplica. Até mesmo quando falamos de mudanças culturais. Em 2007 o Brasil foi ratificado como o país que sediaria a Copa do Mundo de 2014. Naquela época o bordão “Não vai ter Copa” não existia, no lugar de críticas havia elogios e comemorações.



**Tão pouca atenção foi dada aos assuntos sérios que em vez de oito estádios (o padrão FIFA), se decidiu fazer doze. Nenhum dos existentes em 2007 atendia os requisitos necessários.**

Construir estádios bilionários, com dinheiro público, em cidades que sequer têm um time de futebol na primeira ou segunda divisão do campeonato brasileiro, não foi motivo de revolta popular antes de qualquer contrato assinado. Em 2014, a mesma crítica está na ponta da língua de qualquer Brasileiro que acompanha o jornal. Em 2013, um ano antes da Copa a população se deu conta que as obras dos estádios acabaram recebendo mais dinheiro público que o prometido. Que as obras de mobilidade e investimentos em aeroportos não saíram do papel.

Onde estavam os milhares de manifestantes em 2009, em 2010, em 2011? Achávamos que em doze meses faríamos aquilo que não fizemos nos últimos 60? Que, diante de um puxão de orelha as coisas se resolveriam?

O legado da Copa não será o prometido. A “Copa das Copas” não deixará nossas cidades mais bem equipadas. Não teremos solução para nossos aeroportos e a mobilidade urbana não ficará melhor nos grandes centros urbanos. Mas, os bilhões gastos para o evento não terão sido gastos em vão (mesmo que nunca tenha sido esse o objetivo) se houver uma mudança cultural de como a sociedade e os seus eleitos interagem para gerir o Brasil. O legado da “Copa das Copas” depende da população, não dos seus eleitos.

Os bilhões gastos são o preço que estamos pagando por uma lição amarga, mas necessária. 2013 marcou o que pode ser o começo de uma mudança, o começo do legado da “Copa das Copas”. Quem vai definir esse legado não são Prefeitos, Governadores ou a Presidente. Será a população. Este legado em nada tem a ver com estádios ou aeroportos, e sim com cultura. A cultura de questionar. A cultura de participar de uma forma ou de outra da gestão pública. A cultura de compreender que não nos livramos de toda responsabilidade quando vamos à urna de quatro em quatro anos.

## João Ricardo Rodrigues Viégas

10



## E O MEIO AMBIENTE?

INSTITUIÇÃO  
Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ)CARGO  
Técnico Pericial em Meio Ambiente do Grupo de Apoio  
Técnico Especializado em Meio Ambiente (GATE Ambiental)

RJ

Rio de Janeiro



**Na área ambiental do Rio de Janeiro, o estabelecimento das datas específicas da Copa e dos eventos internacionais serviram, em muitos casos, aos gestores de políticas públicas como justificativa para o aumento da autonomia estatal e redução dos processos negociais com os diversos grupos de interesse da sociedade.**

Essa estratégia é observada quando há dispensa de Estudo Ambiental em áreas sensíveis da Mata Atlântica, excluindo a possibilidade de audiência pública (caso do Autódromo Internacional); fragmentação de Estudos Ambientais, reduzindo a demonstração dos impactos cumulativos e sinérgicos de grandes empreendimentos (Via expressas Transcarioca e Transolímpica); expedição de decreto Municipal n. 108/2010, voltado para a expansão da rede hoteleira para atendimento da demanda da Copa e das Olimpíadas sem considerar a singularidade de determinados imóveis tombados e preservados (caso Hotel Nacional – obra de Oscar Niemeyer); caso da Linha 4 do Metro do RJ – houve alteração do traçado histórico já delimitado, para a instalação de um trecho menos benéfico aos cariocas. Esses diversos casos vêm trazendo como resultados a propositura de ações civis públicas pelo Ministério Público contra a Prefeitura, o Estado e os órgãos de fiscalização da área ambiental.

Assim, sob império do cronograma dos eventos internacionais, foram parcialmente suprimidas as soluções consensuais, estabelecidas políticas “top-down” e, por vezes, restringido o atendimento das demandas a somente pequenos grupos de interesse.

# Kátia Schweickhardt

11

## HÁ VIDA APÓS A COPA!

Manaus

INSTITUIÇÃO

**Secretaria Municipal de Meio Ambiente  
de Manaus**

CARGO

**Secretária de Meio Ambiente**


Seria injusto falar de legado da Copa do Mundo em Manaus sem fazer referência ao trabalho da Prefeitura ao longo desses 16 meses de gestão do atual governo.



**Legado é tudo aquilo que fica, permanece e passa a servir de base para a construção de um futuro (de preferência, melhor).**

Portanto, além da obra da Arena, que no aspecto físico torna-se o marco maior desta Copa do Mundo na cidade, todas as intervenções voltadas para a melhoria da qualidade de vida em Manaus, que foram ou estão sendo feitas pelo Poder Público Municipal, já podem ser vistas como herança para o povo manauara. Senão, vejamos: a revitalização do Centro Histórico revelou para o Mundo a beleza e a significância do complexo arquitetônico e urbanístico que forma a Praça da Matriz. Fontes, chafarizes, árvores centenárias, piso original, fachadas, o tradicional Relógio, tudo antes encoberto pelo comércio ambulante, hoje compõe um portal de entrada dos mais representativos da memória da cidade. A restauração do Mercado Adolpho Lisboa, que restaurou também o amor dos cidadãos pela Manaus do Centro, trouxe a um ambiente degradado a imponência de um belíssimo monumento arquitetônico construído às margens do Rio Negro. Do ponto de vista paisagístico e ambiental, a revitalização do Parque da Ponta Negra, com mais de 1,8 mil metros de orla renovados, deu um toque de leveza e convívio harmônico com a natureza àquela área tão verticalizada da cidade. As obras de reforma e adequação dos parques da Copa (Bilhães, Mindu e RDS do Tupé) permitirão à população um verdadeiro reencontro com um parque urbano e duas unidades de conservação municipais das mais importantes da cidade. O maior legado da Copa do Mundo para a cidade é, sem dúvida, a possibilidade de reconhecer-se como metrópole, em que pese muitas das contradições advindas desse processo. Coube à atual administração municipal correr contra o tempo e suprir a lacuna resultante da falta de interesse de gestões anteriores em investir em equipamentos urbanos e mobilidade. Restou à Prefeitura correr atrás do prejuízo. Apesar das dificuldades, o trabalho de pavimentação asfáltica feito na cidade permitiu que mais de 18 quilômetros de vias fossem recuperadas no perímetro correspondente ao Quadrilátero da Copa. Recuperou-se também a autoestima dos motoristas que passaram a contar com corredores viários importantíssimos com pavimento de excelente qualidade. E a missão agora é estender esse trabalho aos bairros mais distantes do centro da cidade. Ainda no tocante à mobilidade, estações de ônibus utilizadas por BRS foram recuperadas e a faixa exclusiva para os ônibus restabelecida. Resta agora o desafio da mudança de atitude de quem dirige, adotando como prática diária o respeito a exclusividade. É importante lembrar que essa gestão municipal assumiu há 18 meses da Copa, portanto, os esforços se concentraram em proporcionar melhorias essenciais a curto prazo para os cidadãos e visitantes. Como legado, além das ações de infraestrutura e mobilidade, fica também a Manaus conhecida mundialmente. Hoje o terceiro destino escolhido por jornalistas internacionais que vão cobrir o mundial, conforme pesquisa feita pelo Ministério do Esporte em 2013. Outro legado refere-se ao intercâmbio cultural. Teremos quatro países europeus jogando na Arena da Amazônia, mais Estados Unidos, Honduras e Camarões. Ou seja, várias culturas na capital amazonense durante o mês de junho. Isso é uma oportunidade de reconhecimento e integração para nós e vamos receber todos com muito carinho para que voltem em breve. É certo que falta muito. Ainda não temos a empatia que deveríamos ter com uma grande cidade no coração da floresta e suas tradições. Enfrentamos a resistência de algumas pessoas que insistem em descartar resíduos de forma irregular, que rifam menores, que ocupam irregularmente áreas verdes e áreas de preservação permanente, desrespeitando totalmente as regras de convivência numa grande cidade e seus cidadãos. Mas o importante é reconhecer que a mudança já começou e há vida após a Copa.

**CRESCIMENTO PELO  
INTERCÂMBIO CULTURAL**

INSTITUIÇÃO  
**Confederação Nacional da Indústria – CNI**  
CARGO  
**Advogado**

**DF**  
Brasília

São aguardados cerca de 600 mil turistas estrangeiros no Brasil durante a Copa do Mundo. As expectativas dos visitantes são proporcionais ao tamanho e à diversidade que o país apresenta. Os turistas terão a oportunidade de conhecer e experimentar uma nação única no planeta: de norte a sul, de leste a oeste, o Brasil abriga cidades litorâneas e interioranas, cidades localizadas nos ambientes mais diversos, como a floresta amazônica, o pantanal, a mata atlântica e o cerrado. Nelas, os visitantes encontrarão as mais variadas miscigenações raciais e culturais, culinárias exóticas, religiões e costumes sincretizados.



**Por mais paradoxal, é justamente durante o maior evento esportivo internacional que o Brasil terá a oportunidade de mostrar ao mundo que é muito mais do que o país do futebol e do carnaval, binômio muitas vezes associado de forma provinciana e pejorativa.**

Entretanto, o intercâmbio não será unilateral: oportunidades ainda maiores desfrutarão os próprios brasileiros com a vinda dos estrangeiros, oriundos de todos os continentes. Quando o Brasil foi sede da Copa do Mundo de 1950, poucos turistas vieram ao país, devido à guerra que se acabara poucos anos antes e à distância até aquela época insuperável pela aviação comercial. Nos seus mais de 500 anos de história, essa será a maior chance que os brasileiros terão para entrar em contato direto com as culturas mais diversas.

A diversidade estimula o respeito ao próximo: o povo que subjuga seus diferentes tende a não prosperar; a democracia que não protege os direitos das minorias entra em colapso. Assim como nas sociedades, na natureza a diversidade genética é elemento essencial à sobrevivência das espécies - aqueles que se isolam entram em processo de extinção.

O maior legado para o Brasil será o multiculturalismo vivenciado no país durante a Copa do Mundo. Esperamos poder absorver um pouco de cada povo, de cada país. O Brasil precisa dessa oportunidade, há muito a aprendermos.

## Mario Monzoni

13

### A COPA COMO CHANCE PARA A SUSTENTABILIDADE


**SP**

São Paulo

INSTITUIÇÃO

**GVces (Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV-EAESP)**

CARGO

**Coordenador Geral do GVces**

A realização da Copa no Brasil tem gerado discussões e protestos em relação a vários aspectos e polarizado grupos que defendem que não era o momento para um país, que está longe de ter serviços públicos básicos, em volume e em qualidade, de realizar um investimento desse porte, até os que acreditam que, pelo contrário, um evento como esse pode trazer boas oportunidades para todos, gerando empregos, ainda que temporários, movimentando o turismo e deixando um legado para o futuro.

Na linha dos que têm uma visão otimista, um estudo realizado em 2010, intitulado **Brasil Sustentável Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo 2014**, produzido pela EY e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), traz projeções que a Copa teria um efeito multiplicador que quintuplicaria os investimentos diretos realizados para viabilizá-la, injetando no total R\$ 142,39bi na economia brasileira até 2014. Agora seria o momento de verificar se esses números de fato se concretizaram. No entanto, gostaria de retomar a questão do legado deixado: colocando de lado o valor do retorno do investimento feito, vamos analisar sua qualidade.



**Sem entrar na questão da corrupção, superfaturamentos e atrasos nas obras, que é sem dúvida algo que não pode ser ignorado e que certamente não constavam nas projeções feitas nesse ou em qualquer estudo, a Copa no Brasil está com o impressionante desafio de ser a primeira Copa do Mundo Sustentável da história! E o que isso significa?**

Significa que o país deveria atender aos critérios adotados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA ou UNEP, sigla em inglês), que passam pelo famoso tripé da sustentabilidade: o respeito às dimensões Econômicas, Sociais e Ambientais.

Segundo o PNUMA, seriam sete os critérios ambientais que deveriam permear todas as atividades da Copa: 1) Conservação de energia e mudanças climáticas, minimizando a pegada de carbono do evento; 2) Conservação e uso consciente da água; 3) Gestão interna de resíduos, ou seja, como reduzir, reutilizar, e reciclar resíduos com apoio dos catadores; 4) Transporte, mobilidade e acesso, promovendo a eficiência energética, com uso de transportes acessíveis e universais que minimizem a poluição; 5) Paisagem e biodiversidade; 6) Edifícios verdes e estilos de vida sustentáveis; e 7) Construção sustentável dos estádios.

Já na dimensão social, parcerias vêm sendo firmadas, para trabalhar áreas como geração de emprego e renda, turismo sustentável, estímulo a cadeias produtivas, entre outros. Nessa última área, o próprio PNUMA firmou um memorando de entendimento com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome para cooperação em ações que estimulem cadeias sustentáveis de alimentos, a redução do desperdício de comida e o acesso a opções orgânicas e saudáveis para alimentação. Todas essas ações - ou planos - parecem fantásticos se, em primeiro lugar, de fato, elas se concretizarem antes e durante o mundial; Mas, principalmente, se se revelarem como boas práticas que inspirem a incorporação de sustentabilidade na promoção de políticas públicas e no processo de tomada de decisão de futuros grandes eventos, essas sim um verdadeiro legado positivo da Copa para o Brasil. A má notícia é que, aparentemente, o plano não está funcionando.



## UMA OPORTUNIDADE PERDIDA

INSTITUIÇÃO  
Diário LANCE!  
CARGO  
Repórter

RJ  
Rio de Janeiro

Ser a sede de um grande evento como a Copa do Mundo oferece ao país um gama de oportunidades em todos os setores da sociedade. Sejam pelos milhares de empregos gerados ou pelas obras de infraestrutura realizadas, só para citar dois exemplos.



**E na questão infraestrutural é que o Brasil perdeu a grande oportunidade de melhorar a mobilidade urbana e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população.**

Das 49 obras de mobilidade previstas, apenas três ficaram prontas a 100 dias do início do Mundial.

A Fifa não pediu ao Brasil que realizasse uma única obra para a Copa-2014, ao contrário do que ocorreu na disputa pela sede olímpica dos Jogos-2016, onde o Rio apresentou um dossiê com todas as construções que faria na cidade para receber o evento.

A quantidade de realizações previstas tiveram origem na oportunidade. Uma oportunidade criada pelo governo federal que destinou recursos exclusivos para essas obras.

Obras que seriam não somente para a Copa mas para a melhoria da qualidade de vida do povo. E por que não deu certo? Por que a população se revoltou?

Não deu certo por causa da incompetência dos administradores públicos do Brasil, que não conseguiram concluir os projetos. E sem um legado palpável, com outras carências em áreas fundamentais, como educação e saúde, era natural que um levante popular ocorresse.

Apesar do fracasso em tirar as obras do papel, a Copa será um sucesso. Até porque, o famoso “jeitinho brasileiro” foi posto em prática.

Um corredor de ônibus expresso (BRT) que não ficou pronto, foi substituído por vias expressas de ônibus (BRS), onde uma faixa em vias já existentes é segregada para a circulação exclusiva de coletivos.

Mas a receptividade do brasileiro e a presteza em ajudar ao próximo amenizarão vários problemas que poderão surgir, caso o Mundial fosse realizado nas mesmas condições, em um país onde a população tem por característica ser introspectiva.

Por fim, sobre os estádios, todos são belas construções e oferecerão as condições necessárias para os principais craques do mundo exibirem o seu melhor futebol.



## Nelson Moreira Franco

15

### LEGADO DA COPA E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RJ

Rio de Janeiro

INSTITUIÇÃO

Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro

CARGO

Gerente de Mudanças Climáticas



Além da esperada melhoria na infraestrutura, que indiscutivelmente é a mais visível, o povo brasileiro estava mais interessado no legado socioambiental – na melhoria da mobilidade urbana, na segurança com o resgate da cidadania na maioria das áreas de baixa renda, no correto atendimento à saúde, na preservação ambiental funcionando em um amplo e democrático sistema de abastecimento da água, no saneamento básico e na gestão adequada do lixo.



**Hoje não se discute mais o protagonismo das cidades e a certeza de que serão nelas que o jogo pela sustentabilidade será decidido.**

Atualmente as decisões de um prefeito refletem nas comunidades e tem impacto global, o que acontece nas cidades gira o planeta, vide o exemplo das mudanças climáticas – cidades são responsáveis por 80% das emissões dos gases estufa. As cidades pertencem às pessoas e como diziam os gregos antigos – “A cidade é o local que completa nossa existência”. A própria ONU -Organização das Nações Unidas- defende hoje um modelo de cidades compactas, bem articuladas, conectadas, integradas espacial, social e ambientalmente e, sobretudo, inclusivas. É o desenvolvimento urbano sustentável. A cada megaevento esportivo, as cidades sedes, às vezes suplantam a importância dos extraordinários feitos dos atletas, pois lutam por privilegiar os investimentos numa eficiente e ágil infraestrutura e na melhoria das condições de vida de sua população, e esse é um feito também extraordinário.

No caso do rio de Janeiro, assistimos a três importantes legados intangíveis na realização desses megaeventos esportivos: 1- a valorização da marca Rio onde a prefeitura deve administrar juntamente com outros setores de negócios interessados; 2- o resgate da autoestima do povo carioca, depois de 50 anos de perdas, mudança da capital, brigas político-institucionais, e esvaziamento econômico, mas que mostra ao mundo que acolhe um líder religioso reunindo mais de 3 milhões de pessoas numa de suas praias e sem nenhuma consequência grave, sediou com tremendo êxito a Rio mais 20, onde foi consolidado o indiscutível protagonismo das cidades no cenário global e realizou com sucesso de público e arrecadação a Copa das confederações; 3- e, finalmente a constatação de que a cidade nos dá uma visão de futuro, alcançada nos preparativos dos megaeventos através de sua capacidade de planejar em médio e longo prazo e de continuidade em projetos de grande alcance socioambiental, ambas características há muito esquecidas no país, mas felizmente resgatadas pela Cidade do Rio de Janeiro.

## Nilton Wilson Salomão

16



## DESESPERANÇA

INSTITUIÇÃO  
Assembleia Legislativa do Estado  
do Rio de Janeiro  
CARGO  
Deputado Estadual

RJ  
Teresópolis



**A grande animação com a conquista do direito de realizar a Copa foi, aos poucos, convertendo-se na decepção da sociedade brasileira. Com o passar do tempo, ficou claro que os interesses da Fifa estavam acima dos interesses de uma Nação.**

Ofensa à soberania nacional ocorreu quando houve imposições que fizeram regredir avanços conquistados. Exemplos como a venda de bebidas nos Estádios, o controle absoluto do entorno dos palcos do futebol confirmam essa intromissão. Ainda, o modelo europeu dos Estádios, que praticamente banuiu da plateia o cidadão simples, de baixa renda, que não consegue pagar o ingresso, merece da parte de todos nós a exigência de que isto seja revisto. O futebol brasileiro, que aqui chegou pelas elites, teve no seu povo mais humilde e nos campos de várzea, a consagração do talento de tantos brasileirinhos, no campo e nas arquibancadas. Agora eles estão excluídos. Este quadro levou a natural revolta e insatisfação da população brasileira, que exige padrão “Fifa” nas áreas da saúde, educação, transporte público. Precisaremos de bons anos para recuperar este prejuízo social e de confiança gerado a partir do prevaecimento dos interesses comerciais em detrimento da alegria e do congraçamento que o futebol sempre trouxe ao Brasil, unindo todos os segmentos sociais.

# Pedro Trengrouse

17

## O FUTEBOL BRASILEIRO SAI VENCENDO



Rio de Janeiro

 INSTITUIÇÃO  
**Fundação Getúlio Vargas - FGV**

 CARGO  
**Professor**


**Apesar dos sucessivos equívocos na comunicação do Governo e da FIFA, a Copa do Mundo é muito boa para o Brasil.**

Além de não representar um esforço financeiro tão grande quanto aparenta, os investimentos essenciais da Copa servirão mais ao futebol brasileiro que à FIFA.

O PIB nacional é de R\$ 4,5 trilhões e os investimentos da Copa ficaram na ordem de R\$ 25 bilhões, destinados às mais diversas intervenções em áreas prioritárias de infraestrutura e serviços, como, por exemplo, aeroportos, mobilidade urbana, segurança, turismo, saúde e telecomunicações.

A propósito, não houve nenhum contingenciamento noutras áreas em razão da Copa, que a rigor só precisava mesmo dos estádios, cujos custos totais não passaram de R\$ 9 bilhões. São nove estádios públicos e três privados e ainda assim, considerando que os financiamentos do BNDES devem ser pagos pela operação privada das arenas, os investimentos públicos diretos representam menos de 40% do total.

E mais, não é verdade que estejam mais caros que nas últimas Copas. O estádio mais caro do Brasil custou pelo menos três vezes menos que Wembley e, segundo estudo de uma ONG dinamarquesa, os custos médios por assento no Brasil estão no mesmo patamar de USD 5 mil que Japão, Coréia e África do Sul, pelo menos 20% menores do que Green Point e Sapporo Dome, por exemplo.

Os novos estádios serão muito mais utilizados pelo futebol brasileiro que pela FIFA. Conforme dados da FGV, o futebol hoje movimenta R\$ 11 bilhões/ano e gera 370.000 empregos no Brasil, mas poderia movimentar R\$ 62 bilhões/ano e gerar 02 milhões de empregos, principalmente com esta modernização dos estádios e ajustes significativos no calendário, gestão e governança dos clubes. Com ou sem Copa já valeria a pena investir nos estádios brasileiros.

O BNDES é, atualmente, o maior banco de desenvolvimento do mundo, superando inclusive o Banco Mundial em volume de operações. Desde 2008, quando as sedes da Copa do Mundo no Brasil foram anunciadas, o BNDES desembolsou no total mais de R\$ 700 bilhões em financiamentos diversos. Trocando em miúdos, o investimento nos estádios representa muito pouco diante dos grandes números do banco, que poderia ousar bem mais para promover o desenvolvimento do futebol brasileiro enquanto atividade econômica relevante para o arranjo produtivo nacional e para a identidade cultural brasileira.

A maioria das obras relacionadas à Copa são realmente essenciais para melhorar a infraestrutura do país. O Brasil é o país do futebol e já precisava de melhores estádios para desenvolver seu pleno potencial de geração de emprego e renda. Com o devido planejamento, o maior legado da Copa do Mundo para o Brasil poderia ter sido uma profunda transformação no futebol brasileiro, que de qualquer forma já pode se beneficiar bastante dessas novas arenas.



## E DEPOIS, OS JOGOS OLÍMPICOS...

INSTITUIÇÃO  
**Rio Como Vamos**  
CARGO  
**Coordenadora Executiva**

**RJ**  
Rio de Janeiro

Para o Rio Como Vamos, todo e qualquer evento na cidade deveria servir de oportunidade para maior atenção do poder público, das empresas privadas e da própria população. A Copa do Mundo certamente tem características próprias, pois lhe são inerentes fortes emoções da população, um conjunto pesado de investimentos públicos, um redobrado esforço na área de segurança e de conservação da cidade.

Para o Rio de Janeiro, a proximidade dos Jogos Olímpicos trouxe facilidades e complicações.



**Os investimentos em Mobilidade Urbana (corredores expressos, expansão do Metrô; mudanças viárias, por exemplo) projetam uma melhoria futura no caos do trânsito. Mas penalizam no presente a população que não sabe mais onde buscar um caminho melhor para se locomover.**

A Política de Segurança mostrou as possibilidades de melhoria num setor que o morador da cidade não vislumbrava saída há poucos anos atrás. Ao mesmo tempo, a violência ainda se apresenta intensa no cotidiano carioca.

O Lixo Zero tirou as guimbas de cigarro do chão, mas muitos moradores ainda contribuem para deixar algumas partes da cidade bem sujas.

Levantaram-se expectativas, muitas ainda estão no ar, outras já se foram. Restam algumas perguntas: e o Dia Seguinte? Como aproveitar melhor o tempo que resta até as Olimpíadas?

**Vinicius M. Netto**

19

**TEMPOS DIFÍCEIS****RJ**

Niterói

INSTITUIÇÃO

**Universidade Federal Fluminense - Escola  
de Arquitetura e Urbanismo**

CARGO

**Professor Adjunto**

Em princípio, pensei que a Copa ofereceria demandas que levariam o Estado e sociedade a qualificarem infraestruturas e sua capacidade organizacional, incluindo cultura organizacional, mentalidade, conhecimento, e requerimentos tecnológicos. Entendo que as estruturas institucionais brasileiras envolvidas estão sendo confrontadas com essas demandas e, portanto, estejam sendo testadas, o que é positivo. Mas desconfio da capacidade em desenvolver esses conhecimentos e práticas de modo suficiente e capaz de ser retido, e reproduzido em futuras experiências.



**Em termos urbanísticos, área na qual atuo, as demandas decorrentes da Copa terminam desviando a atenção de questões urgentes de infraestruturação de nossas metrópoles.**

Entendo que as decisões de alterações urbanas foram feitas de modo parcial, sem cuidado sistêmico, sem diagnóstico amplo o bastante, e sem transparência técnica e política. Decisões parecem privilegiar um foro limitado de atores, com conexões a estruturas de poder em cada cidade / estado onde há obras. A falta de consideração sistêmica e de transparência inclui impactos sobre atores em situações desvantajosas. Mas tudo isso era de certa forma previsível em um contexto com essas características. Por isso, creio que, antes da Copa, o país precisa fazer seu dever de casa.

INSTITUIÇÃO  
[www.vitorwilher.com](http://www.vitorwilher.com)CARGO  
Consultor de Macroeconomia e Blogueiro

RJ

Rio de Janeiro

**O que era esperado aconteceu: a Copa será um fiasco.**

Talvez não em termos futebolísticos. Dentro do gramado é provável que tenhamos bons momentos. Fora dele, entretanto, os problemas serão visíveis. Faltará infraestrutura para se chegar aos estádios. Os aeroportos continuam ruins, as estradas péssimas, o transporte público de massa inexistente. A segurança pública comprometida, seja pelo banditismo oficial, seja pelas manifestações, cada vez mais truculentas, da população contra os gastos com a Copa. Mas não nos preocupemos: 100 mil homens estarão a postos para garantir “ilhas” de tranquilidade, em torno de hotéis, estádios e pontos turísticos. Táxis para quem puder pagar por eles, idem. Malha ferroviária, hidroviária ou metroviária, infelizmente, não. Era de se esperar: o país que dobrou a frota de veículos particulares em 10 anos, não está muito preocupado com transporte público, não é mesmo? Mas não se engane: a Copa é reflexo de escolhas. As pesquisas de opinião mostravam apoio à realização do evento. Poucos, como eu, foram contra.

A sociedade, portanto, apoiou a Copa, na esperança de que resultasse em melhorias na infraestrutura. É fruto da miopia do eleitor médio – tanto aqui quanto no resto do mundo – que parece não observar que o orçamento público é limitado e que é preciso escolher entre gastar em estádios ou aumentar a rede de tratamento de esgoto, por exemplo – que hoje atende a apenas 50% das casas no país. Essa escassez natural, quando não observada, gera políticas públicas de curto prazo, em busca de votos apenas, impedindo que a sociedade persiga objetivos de longo termo. Essa constatação acaciana mostra fragilidades institucionais graves, gerando uma armadilha contra o desenvolvimento sustentável. Os empresários, cooptados pelo “capitalismo de estado” liderado pelo BNDES, não geram pressão de demanda sobre o Estado por melhorias. A população, míope em sua maioria, não consegue discernir sobre soluções estruturais. E assim se elege políticos de 2 em 2 anos, com políticas frágeis, populistas e inconsequentes. Triste, simplesmente.

# BRAZIL 2014

**Editor** Felix Dane

**Coordenação editorial** Kathrin Zeller

**Revisão** Reinaldo J. Themoteo, Kathrin Zeller

**Projeto gráfico** D'GRAFO Comunicação Integrada

**Impressão** J. Sholna

© 2014, Konrad-Adenauer-Stiftung e.V.

**Fundação Konrad Adenauer**

Rua Guilhermina Guinle, 163 - Botafogo

CEP 22270-060 - Rio de Janeiro, RJ

Tel: (55 21) 2220-5441 | Fax: (55 21) 2220-5448

[Kathrin.Zeller@kas.de](mailto:Kathrin.Zeller@kas.de)

[www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)

Facebook: <https://www.facebook.com/kas.brasil>

Twitter: [twitter.com/kasbrasil](https://twitter.com/kasbrasil)

Todos os direitos desta edição são reservados à Fundação Konrad Adenauer. Autores podem ser citados indicando a revista como fonte. As opiniões aqui externadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.



Konrad  
Adenauer  
Stiftung

[www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)

 KAS.Brasil

#copakas



Konrad  
Adenauer  
Stiftung

---

[www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)

---



KAS.Brasil